

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 5

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

INTRODUÇÃO — Lisboa, 24 de Março de 1878, pelo sr. conselheiro Jo-é SILVESTRE RIBEIRO.....	Pag. 65
Novo distinctivo scientifico, pelo architecto J. DA SILVA.....	66
SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Architectura japoneza, pelo sr. VISCONDE DE S. JANUARIO.....	67
Secondo congresso degli architecti ed in ingegneri italiani in Firenze. Relazioni del segretario generali ing. Giovanni Pini, pelo sr. conselheiro JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.....	69
Architectura e esculptura do renascimento (estampa n.º 25), pelo architecto J. DA SILVA.....	71
SECÇÃO DE CONSTRUÇÕES :	
Considerações ácerca da hygiene nas habitações, pelo sr. F. J. DE ALMEIDA.....	72
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :	
Archeologia prehistorica — <i>Galafitas de Italia, Suissa, Austria e França</i> , pelo sr. J. POSSIDONIO DA SILVA..	75
Memoria historica do mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de monjas da Ordem de Cister, pelo sr. dr. F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO (continuação).....	77
O sr. conde Arthur De Marsy — <i>Um bom serviço por elle prestado á Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes</i> , pelo sr. conselheiro JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.....	78
CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO.....	79
NOTICIARIO.....	80

INTRODUÇÃO

LISBOA, 24 DE MARÇO DE 1878

O proverbial pensamento do poeta: *Vires acquirit eundo* — é um poderoso estímulo para nos abalçarmos a difíceis empresas, e não menos uma consolação para os que, tendo feito tentativas audazes, não conseguem logo resultados grandiosos.

Tanto em um como em outro caso, acode ao espirito o inexorável dictame da experiencia: *não tem força de vida o que se faz sem o tempo; só elle tráz consigo o progresso real*.

D'aqui resulta a necessidade impreterível de perseverança, da parte dos lidadores; de uma discreta paciência, da parte do publico, ao qual só é permittido exigir o que vae sendo possível, o que só pôde surgir pouco e pouco, dentro dos limites dos recursos existentes.

O impetuoso Julio II impacientava-se com a lentidão do trabalho do immortal Miguel Angelo Buo-

narroti; mas este, sobranceiro e cheio de dignidade, contrapunha ao insoffrimento do pontifice (*frettoloso e impaziente*) a severidade do homem que trabalha pausado para attingir a perfeição.

Todas as creações memoraveis, nos amplissimos dominios da actividade humana, foram passando pelos tramites prescriptos pela natureza das cousas; foram todas seguindo as phases de vagaroso e successivo crescimento.

Occorreram-nos estas considerações a proposito do Museu da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

Data de 1866 a criação do Museu; e, comquanto esteja bem chegado a nós esse anno, é certo que já hoje encontramos alli uma demonstração clara de que não decorreu esse intervallo de tempo sem o emprego de esforços, — tanto mais meritorios, quanto é raro lograrem os homens laboriosos toda a coadjuvação de que precisam.

Por fatalidade, é immensamente maior o numero dos impacientes, dos criticos, dos murmuradores, do que o dos auxiliares das cousas uteis.

Já hoje conta o Museu muitos objectos de archeologia prehistorica, de archeologia historica, de antiguidades diversas, de modelos de architectura, de curiosidades interessantes, como extensamente pode ver-se na *relação* já impressa.

Foi o Museu estabelecido nas ruínas de um monumento grandioso, o qual, não obstante recordar as glorias portuguezas, e ser um primor d'arte, de um seculo já distante de nós, estava para ahi entregue a usos vis e vergonhosos.

Essas ruínas, graças aos cuidados da Associação (que não tem cessado de sollicitar os bons officios dos poderes publicos), apresentam agora outro mais digno aspecto. Sem fallarmos do aproveitamento de alguns compartimentos do monumento, merece especial menção o trabalho de desaterro, que permite admirar a elegancia das columnas que estavam soterradas. Louvores tambem á camara municipal, que n'este bom serviço coadjuvou a Associação!

Não tardará talvez que se possa entender na cobertura do cruzeiro e das naves do templo; evitando-se assim a ruína completa do monumento, e dando-se, ao mesmo tempo, occasião a que sejam ordenadamente dispostos os objectos que já existem, e outros que hão de ser adquiridos.

No Museu, além dos objectos que por maior apontámos, começam já a estar representadas a numismatica, a sigillographia, a epigraphia, a technologia na parte que mais de perto interessa a Portugal.

Seria, porém, uma exaggeração reprehensivel, seria até uma falta de respeito á verdade, o asseverarmos que a indicada representação é completa, ou digna inteiramente do elevado destino de um museu, e do brio de uma nação que se présa de ser civilisada.

No entanto, é já um bom começo o que ahi vemos; e o tempo irá fazendo o que só elle póde fazer.

O assumpto d'este breve artigo demandaria grandes elucidações; mas já foram expostas em um escripto notavel, do qual citaremos apenas o seguinte enunciado: — *Conviria de certo ao paiz aproveitar, nos devidos termos, tantos, tão continuados e tão provados esforços, patrocinando-os, e promovendo o seu desenvolvimento.*¹

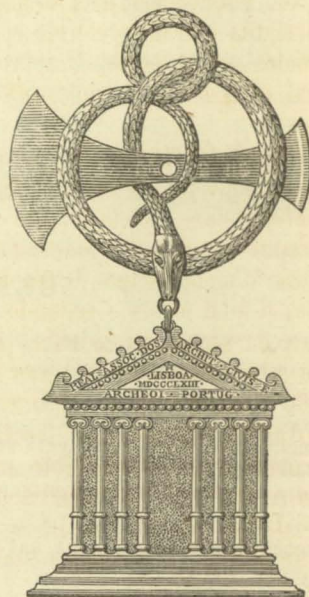
Por nossa parte diremos sómente como o poeta: *Da facilem cursum, atque audacibus annue cæptis.*

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

¹ As ruínas do Carmo. Breves considerações.—I. Monumento.—II. O Museu.—III. A Associação. 1876, por Sá Villela.

PORTUGAL

NOVO DISTINCTIVO SCIENTIFICO



Se em algumas associações litterarias e scientificas as mais illustradas, acharam conveniente usar de uma insignia que fizessem reconhecer a que classe de estudos consagravam as suas reuniões, posto que, pelos seus importantes e uteis trabalhos tenham alcançado ha muito a consideração publica, nos quaes haviam patenteado a competencia de seu saber e talento; não foi tomada aquella deliberação com o fim de fazerem gala do merito que possuíam, pois que não dependeria do emblema que tivessem adoptado, que este lhes proporcionasse maior sabedoria; mas sim seria com o unico intuito de significarem a qual dos institutos scientificos estão ligadas para auxiliarem com os seus conhecimentos o fim civilizador da sua fundação. Foi pois motivado por esse louvavel pensamento, que as Academias reaes de S. Fernando de Madrid, a de Sciencias de Lisboa, e tambem a Sociedade real de Geographia quizeram imitar o que já estava ha muito em uso na Italia, na Belgica, e em França; bem longe de ser originado pela vaidade, fôra unicamente motivado para se differencarem entre si, que julgaram necessario semelhante uso.

Este exemplo acaba de ser seguido pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, tendo-se combinado na forma do emblema, no qual podessem ser representadas, tanto a Arte (a architectura), como igualmente a Sciencia (a archeologia); ainda que fosse um pouco difficil idear uma composição simples e ao mesmo tempo agra-

davel á vista, em que ficasse bem caracterizado o titulo duplo d'esta Associação, na qual se cultivam dois ramos tão distinctos de conhecimentos; foi adoptado o emblema que melhor indicava esta precisa significação: publicamos pois a gravura que representa a insignia que foi preferida entre os modelos apresentados pelos socios, e approvada pela Assembléa geral, e passamos a explicar a sua composição.

Compõe-se este distinctivo de tres corpos distinctos: o primeiro, superior, é de uma *serpente* dourada, que symbolisa a — Sciencia; nas roscas flexiveis d'este reptil envolve um *machado de pedra* (hache), do feitio d'aquelles que foram descobertos na Scandinavia, o qual fórma o segundo corpo; ficando a cabeça da serpente pendente, para poder suspender com a bocca o angulo superior do frontão que representa o *Templo archaico* da Grecia, aquelle de *Diana de Epheso*, que figura o terceiro corpo. As columnas jonicas, o entablamento e o frontão prateado fazem realçar mais o Templo dourado, que forma o fundo d'esta construção. Lê-se no frizo e nas molduras de cornija do frontão o titulo — *Real*

Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — 1864, data da sua fundação.

Esta insignia ficará suspensa ao collo por um *cordão azul claro entrançado com fios de prata*, para indicar as cores nacionaes; tendo sido preferido em logar de fita, não só para se não confundir com as Ordens Militares, e tambem por ser mais modesto o uso do cordão, do que as cores vistosas de qualquer fita. Já tambem a Academia Real de S. Fernando de Madrid havia adoptado o cordão, mas este é verde, entrançado com fios de ouro.

Sua Magestade el-rei o senhor D. Fernando quiz possuir esta insignia por ser o Augusto Presidente Honorario d'esta real Associação, e mais uma vez demonstrou o quanto se interessa pelo engrandecimento do seu credito, e pelos progressos do seu desenvolvimento.

Ficará portanto para o futuro mais uma prova da existencia em Portugal d'esta Real Associação, a primeira da sua especialidade fundada no paiz, a qual havia creado tambem o primeiro museu archeologico em Lisboa.

J. P. N. DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA JAPONEZA

A architectura japoneza, tanto pelo que respeita ao traçado geral dos alçados, como á decoração e distribuição de suas partes, é absolutamente differente da architectura dos povos occidentaes, e só tem pontos de contacto, posto que difira no seu todo, com o genero de architectura da China e das regiões transgangelicas.

Se attendermos ás regras architectonicas do estylo grego, que, tendo sido o mais judicioso e elegante dos tempos antigos, é tambem aquelle que, com mais pureza, chegou até nós: se considerarmos mesmo o estylo romano, e ainda o gothico, que, posto divirjam no desenho geral e na decoração, guardam todos a mais suave harmonia entre as suas partes; somos forçados a reconhecer que a architectura japoneza é muito inferior, em gosto e em grandeza, aos generos que os povos civilizados mais cultivam e exercitam.

Póde mesmo affirmar-se que as regras da arte architectonica no Japão são a completa inversão dos invariaveis principios communs no occidente a todos os generos de architectura bem acceite.

Seja qual fôr o estylo seguido, nenhum dos nossos architectos se lembrará de esmagar as partes in-

feriores de um edificio, alargando e sobrecarregando as divisões, galerias, ou andares superiores, quando ao contrario as exigencias da arte impõem a condição de alliar a robustez do edificio com a elegancia, pyramidando e tornando cada vez mais gracioso e subtil o edificio, á proporção que se eleva.

O caracter distinctivo da architectura japoneza consiste no enorme desinvolvimento dado aos tectos, ordinariamente duplos, pondo-os em flagrante desproporção com o corpo do edificio. Não é raro encontrar nas principaes cidades do Japão e nos seus contornos famosos pagodes, medindo apenas no corpo aproveitavel do edificio 6 a 8 metros de alto, enquanto os seus tectos em arabescos se elevam de 15 a 20 metros, com largura proporcional, o que exprime um verdadeiro esmagamento das acanhadas fachadas rectangulares.

Se, porém, considerarmos que estes edificios, embora assentes n'uma base de cantaria, são feitos exclusivamente de madeira, e se attendermos a que são precedidos ordinariamente de extensas escadarias, somos levados naturalmente a imaginar que a massa de cantaria que dá accesso ao terrapleno e o proprio corpo do edificio, formam a base e pedestal de um gracioso monumento composto dos formidaveis tectos pyramidaes.

São os templos ou pagodes os principaes monumentos do Japão, e é n'esses, quasi exclusivamente, que se concentram os primores de architectura nacional.

Posto que as faces do edificio tenham já uma decoração bastante vistosa, é principalmente nas cornijas gigantescas e nas arestas dos altos tectos de quatro faces e de pontas reviradas, que se desenvolvem e multiplicam em relevos de diferentes planos, excentricos trabalhos de madeira, representando dragões alados, figuras phantasticas, flores desconhecidas e variegados fructos. As mais vivas côres, com o predominio do vermelho activo e do brilhante dourado, matizam ornatos e molduras, tanto exterior como interiormente, a ponto de se cansar a vista, tornando assim difficil a analyse de detalhes, que, como esmeradas obras de arte, bem merecem a pena de delido exame.

O corpo do edificio consta frequentemente de um só vão e sempre n'um só pavimento, tendo quando muito uma simulada galeria em torno, formada por columnas de madeira igualmente pintadas e ornadas de esculpturas em profusão.

Os dois tectos que ordinariamente compõem a cobertura do edificio e lhe dão relevo e character são muitas vezes divididos por um alto colo em torno do qual gira uma galeria, que, servindo de adorno ao templo, proporciona tambem ao melancolico bonzo o seu passeio favorito.

Não é raro ver pesadas ornamentações de bronze nos principaes templos, tanto na decoração interior, como exterior.

Algumas estatuas de granito, de bronze ou de madeira, precedem a entrada dos grandes edificios, mas é certo que não são os japonezes tão prodigos na exhibição estatuarica, como o povo chinês.

É indubitavel que o clima, a arborisação, os costumes e a religião dos povos, influem necessariamente na architectura nacional. Pois bem: avaliadas todas estas circumstancias, parece harmonica, suave e elegante a architectura japoneza.

Nada ha mais agradavel, debaixo do ponto de vista pittoresco, do que descobrir no fim de uma extensa alameda de cedros annosos, sobre alta escadaria de pardacento granito, o airoso e multicor pagode, reflectindo em seus variegados frisos e dourados flexos o brilhante sol que atravessa uma atmospheria purissima, indo tambem dourar os formosos cambiantes da floresta que, coroando altivamente a collina proxima, formam um fundo apropriado a tão primoroso quadro!

Não devemos moldar todos os generos de architectura pelas regras que conhecemos e temos por impreteriveis. A architectura é boa, debaixo do ponto de vista artistico, quando em relação ao seu estylo e ao meio que a circunda, reúne condições que despertam a idéa do bello.

Para se apreciar melhor o genero de architectura japoneza, trataremos de descrever resumidamente o templo de Kamakoura, que visitámos, e que se acha assente no meio de campinas arborisadas, a algumas milhas de Yokohama, soccorrendo-nos, para avivar a memoria, aos desenhos e dizer de mr. Aimé Humbert, no seu *Japão Illustrado*.

O templo de Kamakoura é precedido por extensas alamedas de grandes cedros, que formam a mais bella decoração dos logares do culto no Japão.

À medida que se avança na avenida, veem-se apparecer á beira da estrada pelo lado esquerdo, sobre collinas sagradas, as capellas, os oratorios e as lapides commemoratorias, que marcam as estações das procissões.

Sobre a direita, o horizonte é fechado pela montanha com os seus socalcos de grés, as suas grutas, os seus arroios, e os seus bosques de pinheiros.

Pouco depois de ter passado um rio sobre uma bella ponte de madeira, chega-se á alameda principal, que é adornada por tres grandes porticos (*toris*), e que abre n'uma grande praça, em face dos terraços, das escadas e do templo.

No primeiro terraço estão assentes as casas dos bonzos, alternadas com arvores em torno de um muro de cerca. Dois grandes lagos de fórma oval occupam o centro da praça, communicando entre si por um largo canal, sobre o qual estão lançadas duas pontes parallelas, cada uma em seu genero, mas igualmente notaveis. A da direita é em pedra talhada de granito branco, e quasi que descreve um semicirculo, sendo por isso só destinada á passagem dos deuses e dos bons genios que vem visitar o templo. A da esquerda é plana, construida de madeira revestida de charão vermelho, tendo os capiteis dos balaustres e outros ornatos, de cobre invernizado. Um dos lagos tem magnificos lotos brancos, emquanto que o outro está coberto de flôres vermelhas da mesma especie. Innumeros peixes de côres variegadas, bem como pequenas tartarugas, estão na posse tranquilla d'aquellas aguas crystallinas.

O segundo terraço ou patamar é apenas separado do primeiro por alguns degraus, e para ali penetrar é necessario passar por uma especie de alpendre, que abriga debaixo dos seus altos tectos dois monstruosos idolos, que, postados de um e outro lado da larga entrada, lhe servem como de vigilantes sentinellas. Estes idolos são esculpidos em madeira e revestidos totalmente de uma grossa camada de vermelhão. Os seus bustos extravagantes e enormes estão mosqueados de innumeraveis bolas de papel mastigado, bolas que os visitantes indigenas lhe lançam na passagem, sem mais respeito nem formalidade, querendo assim enviar ao seu destino qualquer supplica aos deuses.

Ao transpôr os umbraes d'este portico, descobre-se um quadro digno de admiração. Um terraço elevado,

ao qual conduz uma larga e extensa escadaria de pedra, domina o segundo patamar. Um muro de construção cyclopeana supporta a escada e sustenta o templo principal, bem como as habitações dos bonzos, destacando-se os tectos multicores e apparatusamente ornamentados, sobre uma sombria floresta de cedros e de pinheiros.

À esquerda levantam-se os edificios do *thesouro*. Um d'estes tem uma dupla cobertura pyramidal, encimada por uma flecha de bronze artisticamente trabalhada.

À direita eleva-se um alto pagode construido segundo o principio dos pagodes chinezes, mas d'um estylo mais singelo e mais severo. O primeiro pavimento, de fôrma quadrangular, assenta sobre pilares, consistindo o segundo andar n'uma vasta galeria circular, que, posto seja de bastante solidez, se desenha no espaço com uma tal ligeireza, que parece repousar n'um simples eixo. Um tecto muito elevado e ponteagudo, apoiado em gigantesca cornija e terminado por uma alta flecha em espiral, fundida em bronze e ornada d'alpendres do mesmo metal, completa o effeito d'este estranho monumento, no qual seria impossivel alliar maior arrojo a uma mais justa adopção de proporções.

O problema da construção d'este pagode devia conduzir a uma monstruosidade architectural, ou a este rasgo de audacia perfeitamente executado. Contemplando um semelhante edificio, o europeu não pôde esquivar-se a um certo movimento de desconfiança, e até mesmo de protesto; mas chega-se a concordar, não só que se está debaixo do imperio do espanto, mas ainda sob a impressão imponente e harmoniosa que produz toda a verdadeira obra d'arte.

A ornamentação d'este edificio não é tambem falta de gosto e de propriedade. Applica-se principalmente aos frontaes das portas e ás cornijas em que repousam os tectos. O suave colorido escuro das madeiras, que são quasi os unicos materiaes empregados n'estas construções, é animado por muitos detalhes de escultura pintados a vermelho, a verde dragão, ou dourados. De resto não é superfluo ajuntar ao quadro a sua moldura de arvores seculares, e o azul incomparavel do céu do Japão, por quanto n'este paiz a atmospheria é da mais admiravel transparencia.

VISCONDE DE S. JANUARIO.

SECOND CONGRESSO
DEGLI ARCHITECTI ED INGEGNERI ITALIANI
IN FIRENZE

Relazione del segretario generale ing. Giovanni Pini. Firenze, 1876.

I

Fôra indesculpavel falta não se dar noticia, n'este nosso periodico, do importante relatorio que o sr.

Pini elaborou dos trabalhos do segundo congresso dos architectos e engenheiros italianos, celebrado em Florença.

Muito competentemente compoz este escripto o sr. Pini, visto haver sido o secretario geral do congresso; e com apurada delicadeza, e não menor acerto, o dedicou ao sr. comm. Ubaldino Peruzzi, deputado, e syndico de Florença.

O sr. Pini vê nos congressos que hoje estão em voga, um terreno propicio para recolher os germens que a especulação, a observação e o estudo individuaes pretendem fazer fructificar.

Dão os congressos occasião ao conhecimento reciproco, á conversação fraternal, á permutação das idéas; e se acaso se reúnem homens de engenho e de doutrina... os resultados serão grandiosos, pois que facilmente poderá ser proclamado um principio que muitas pessoas se incumbem de propagar e desenvolver.

A observação e o estudo de um individuo é quasi sempre esteril em resultados praticos, porque faltam o elemento e o apoio da discussão. «Os congressos dos especialistas (disse um sabio professor citado no relatorio), restringindo o circulo dos estudos, estão como que em familia, entendem-se facilmente, e sempre surriam, ainda que á pressa, alguma gleba de torrão.»

Encarando assim o congresso de Florença, saúda o sr. Pini a segunda reunião dos architectos e engenheiros italianos, e passa a dar conta das soluções que o congresso deu a diversos pontos discutidos.

Comecemos a percorrer essas soluções:

Secção de architectura. Quesito: — Investigar e definir as attribuições especiaes do architecto e do engenheiro no exercicio de suas profissões; quaes as relações que os avizinham; qual a ordem, a extensão e os limites dos estudos proprios de cada uma d'ellas.

Repetindo-se muitas vezes o facto de ser confiado a uma só pessoa o exercicio das duas profissões de architecto e de engenheiro, pareceu necessario formular o precedente quesito.

Na opinião do sr. Pini, a differença entre o architecto e o engenheiro é clara e precisa. O architecto é um artista; o engenheiro deve possuir de sciencia quanto o tempo e a natureza dos seus estudos permittirem. O architecto deve beber o leite da existencia intellectual na fonte da arte; o engenheiro, na da sciencia. O architecto deve idear todas as construções e obras de arte accessorias, em que seja condição principal a fôrma esthetica interior e exterior; o engenheiro tem que executar aquellas obras em que não predomina o conceito artistico.

Omittindo outras ponderações, apressamo-nos a tomar nota dos termos em que o congresso, depois da conveniente discussão, formulou o seu pensamento.

« Considerando que o architecto é essencialmente um artista, ao passo que o engenheiro é principalmente um homem de sciencia applicada ;

« Considerando que nas escolas de applicação e nas polytechnicas a sciencia deverá sempre ser a parte principal ; sendo difficil que ahi possam formar-se verdadeiros artistas ;

« Considerando que nas academias de bellas-artes de Italia não ha ensino algum scientifico, ou que seja inteiramente proprio para formar bons architectos, aliás muito necessitados de sciencia :

« A secção « *Architectura* » do congresso dos architectos e engenheiros julga que seria muito util, e, ainda na condição actual do paiz, necessario fundar em uma ou mais das nossas academias de bellas artes alguma escola de architectura, que ao ensino artistico reuna o ensino scientifico indispensavel para o exercicio da profissão, e confira o respectivo diploma.

« Crê tambem a secção que Florença, pelas suas tradições artisticas, e pelos seus monumentos, é, d'entre as cidades, a mais adaptada para escolas taes. A secção faz votos para que o governo estabeleça, pelo menos, uma escola d'esta natureza na Italia.»

Se a ordem do dia approvada pelo congresso não resolve completamente a questão, parece ao sr. Pini que a faz chegar ao ponto de poder ser resolvida definitivamente.

Maravilha fôra que o congresso não se occupasse com os monumentos !

Estavam reunidos em Florença architectos e engenheiros italianos, e era este um assumpto que muito naturalmente havia de chamar a sua attenção, no proposito de sollicitar providencias sobre a conservação ou reparação de tão preciosos auxiliares da historia dos povos.

São eloquentes a tal respeito as expressões do secretario geral do congresso :

« Os *Monumentos* foram, são e serão sempre o seguro indício da grandeza de um povo ; e se esse povo souber defendel-os e conserval-os... dará testemunho da grandeza passada, mas tambem da civilisação presente. Ora, a Italia é abundante e rica de monumentos, espalhados por toda a sua superficie. Italianos e estrangeiros largamente os levantaram em todos os tempos, a despeito da irrupção e correrias dos barbaros, a despeito tambem das discordias intestinas. E por quanto são os monumentos a pagina mais vividoura e mais esplendida da historia, que ás gerações novas acrescentam a gloria dos antepassados... constituem elles uma

herança sagrada, da qual devemos ser guardas vigilantes e zelosos.»

Vejamos agora as providencias que n'este sentido suggeriu o congresso.

Mostrára a experiencia de dez annos que não foi efficaz a lei de 25 de julho de 1865 para se conseguir a conservação dos monumentos ; e por isso fôra formulado o seguinte quesito :

« Se os artigos 83.º, 84.º e 85.º da lei de 25 de julho de 1865, sobre a expropriação por utilidade publica, proviam bastantemente á conservação dos monumentos architectonicos ; e quaes prescripções e limites deviam ser estabelecidos para que fossem restaurados em harmonia com a época a que pertencem e com a importancia d'elles.»

O congresso regulou a discussão pela memoria apresentada pelo professor Giuseppe Villari, e approvou as seguintes conclusões :

« Pedir ao governo que apressasse a promulgação de uma lei para a conservação dos monumentos e dos objectos de arte que interessem á archeologia ; firmando-se a proposta que o ministro da instrucção publica submetera á decisão do senado em 13 de maio de 1872, e tomando-se em consideração as indicações do congresso.

« Tornar obrigatorio, nas restaurações de monumentos do governo, o juizo prévio das respectivas commissões provinciaes consultivas, ou das mais visinhas do local onde as não houver.

« Sujeitar á lei de conservação os monumentos de procedencia privada, pelo modo que mais adequadamente parecer ; ou, ao menos, ordenar que elles entrem no inventario dos monumentos da nação.

« Aconselhar que, antes de funcionarem as commissões provinciaes consultivas, sejam fixadas pelos architectos e outros artistas, pelos archeologos e pessoas competentes, as bases e as clausulas principaes para a conservação dos monumentos architectonicos. — O mesmo, quando se tratar da aquisição ou de inventario dos monumentos que deverem ser declarados de interesse nacional. — Na feitura dos inventarios deveriam estar presentes as plantas, secções e prospectos, necessarios para se formar uma idéa clara do estado actual do monumento, e da necessidade da sua conservação ou reparação.

« Pedir ao governo que proveja á constituição de um patrimonio ou rendimento, que ministre os meios de applicar e fazer cumprir as leis, em materia de conservação, restituição, etc., dos monumentos e objectos de arte ; e bem assim para subsidiar as visitas aos museus, galerias, monumentos antigos, etc.»

Não está esgotado ainda este assumpto. A elle voltaremos em outro artigo.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

Da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos
Portuguezes.



HENRIQUE NUNES Phot

ESTAMPA 25ª

Janella do Renascimento

ARCHITECTURA E ESCULPTURA DO RENASCIMENTO

(Estampa n.º 25)

A architectura do Renascimento teve origem na Italia em 1420, por iniciativa do insigne architecto Nicolas de Pisa, o verdadeiro restaurador da arte, o qual, levado por um poderoso sentimento do bello, e á vista dos admiraveis monumentos executados na Italia, fez surgir o que a Europa adoptou dois seculos depois. O velho estylo do Baixo-imperio ficou abandonado, e a celebre escola florentina progrediu com o seu estylo severo e apurado até que o afamado architecto Brunelleschi, fazendo erguer magestosamente a cupula da cathedral de Florença, com tão elegante e admiravel proporção, inspirando-se sobremaneira da architectura antiga, veio favorecer o sentimento do bello e o da perfeição.

O Renascimento inaugurára um grandissimo progresso, e contribuíra poderosamente, pela liberdade do pensamento para vivificar as tradições da verdade. A arte italiana, na vanguarda das outras nações, conquistava a gloria de dar impulso ao grande movimento do espirito humano no seculo xvi, restituindo ao homem a sua individualidade. A arte, sob todas as fórmulas, seguia a nova marcha que o espirito publico havia transposto durante os ultimos seculos, conservando os typos creados pelo povo mais racional e distincto da antiguidade; e abandonando as fórmulas architectonicas da idade media, era forçada a adoptar outras novas para a composição dos monumentos nos quaes transparecia o aspecto geral da architectura ogival, em que fórmulas romanas vestiam as fachadas, sem comtudo patentearem na sua estrutura a solidez do edificio: de modo que as construcções internas e externas dos edificios do primeiro Renascimento consistem de certo modo de gosto, dependendo mais do ramo de *decoração*, do que da pericia do architecto: portanto as fachadas do Renascimento não são mais do que uma ornamentação faustosa, na qual domina o gosto e a imaginação, sendo patenteado por uma extrema variedade, porém sem darem razão da *significação* propria do monumento. Todavia, deve reconhecer-se que esta architectura ornamentada fôra concebida com attractivo, que apresenta um caracter de muita originalidade, captivando o sentimento do gosto sem satisfazer aquelle do espirito.

Os architectos do Renascimento transformaram com bastante felicidade os diversos detalhes das Ordens antigas. A pilastra isolada ou junta, lisa ou estriada, ornadas de arabescos, foi principalmente empregada com talento no seculo xvi; como se vê no lindo exemplo da janella representada na estampa do presente numero: não obstante o merecimento d'esta architectura, não pôde conquistar a generalidade na sua applicação.

Na segunda epoca do Renascimento, adoptado quasi em todos os paizes da Europa em 1500, um estudo mais attento das fórmulas antigas e de suas proporções imprimiu um caracter mais classico á architectura, pertencendo em primeiro logar a gloria a Bramante, que dêra começo á construcção da basilica de S. Pedro em 1506; e posto que não continuassem sob a sua direcção aquelles trabalhos, existem outros edificios em Roma que attestam o seu saber e a elegancia do seu mimoso estylo; muito embora se servisse das fórmulas antigas, inventou composições originaes de agradável effeito.

Os primeiros architectos do Renascimento collocavam as Ordens umas sobre as outras, quantas se precisassem para indicar o numero de andares de qualquer edificio; porém este modo de dispôr as fachadas tinha o inconveniente de dar aos edificios apparencia monotona e acanhada. Estas Ordens sobrepostas, quer estivessem muito, quer pouco ornamentadas, dividiam os alçados como se fossem formados de grelhas, o que, observado a distancia, e sendo as linhas divisorias tão repartidas, cansava a vista, pela uniformidade, e diminuia a importancia da edificação. Ainda se torna mais saliente esse defeito, quando diversas Ordens sobrepostas decoram as fachadas das egrejas, pois não só produzem o mau effeito que fica assignalado, mas sobretudo são condemnaveis, porque não pôde haver por pretexto a separação de andares, onde elles não existem!

Se por ventura este systema de decoração exterior pretendia produzir um effeito *magestoso a cada passo*, contra a razão e a esthetica, todavia, quando se trata da decoração interna, expressa muitas vezes com feliz resultado as suas variadas combinações, nas quaes sobresaem as tradições da arte.

No principio do seculo xvi, a Italia distinguia-se na decoração interna dos edificios publicos ou dos particulares, apresentando extraordinario esplendor.

N'esses interiores a fórmula de architectura, de sua estrutura nunca era disfarçada, como se estivesse escondida debaixo de grande numero de ricos ornatos e de minucias exageradas.

Na verdade, o Renascimento não tinha dado á architectura decorativa interna dos edificios civis physionomia bastante caracteristica; continuou a imitar os desvios do seculo antecedente, inventando composições, em muitas das quaes apparece a maneira habil do artista e o seu bom gosto, notando-se porém a falta de todo harmonico, e principalmente de aspecto grandioso.

A representação da janella da photographia do presente numero, formava o eunhal de um predio em Santarem, estando composta de duas pilastras e no angulo de uma columna da Ordem corinthia. Era então costume nas casas nobres situadas em lo-

gares desaffrontados, construir-se janellas com esta forma nos angulos dos predios, disposição que depois foi imitada nos cottages inglezes; porém estas construcções eram mais ou menos ornamentadas em Portugal, e foram adoptadas para que se gosasse melhor a vista que d'aquelle logar se descobria; o que nos certifica que o predio ao qual a referida janella pertencia não tinha, então, outras edificações em frente.

A bella proporção, os arabescos que ornam o liso das pilastras, e do tambor inferior do fuste da columna; o trabalho das folhagens do capitel; as molduras da cornija; a separação que produz o frizo de face curvilínea, dão maior relevo aos membros architectonicos de que a janella é formada, e em geral á sua composição, formando um conjunto elegante e agradável; e certamente é, e d'este estylo e de sua applicação, o specimen mais importante que existe em Portugal. É pois um exemplar de sobejo merecimento que possui o museu de archeologia do Carmo, e digno de ser conhecido dos artistas e amadores tanto nacionaes como estrangeiros.

A cabeça em escultura que está collocada n'um pedestal cylindrico, e occupa o espaço central d'essa janella, é outra obra d'arte de subido merecimento; esta singular escultura foi executada com tal mestria que nos enleva contemplal-a; a expressão indicada nas feições, a franqueza na modulação, denotam um artista de grande talento e de imaginação superior. O estudo dos modelos antigos e de Miguel Angelo serviram-lhe, sem duvida, para desenvolver as suas distinctas faculdades, posto que o caracter d'esta cabeça de argilla cosida e colorida fosse inspirado sobre o celebre modelo da cabeça de Laocoonte; todavia, só um habil escultor podia obter obra de tão difficil expressão, e de tão sublime trabalho.

É producção de artista portuguez, tambem da epoca do Renascimento, e por isso se fez figurar conjuntamente com a architectura da janella, reunindo-se na mesma estampa a representação das duas artes, inspiradas pelo mesmo sentimento que dominava os artistas d'aquelle seculo.

O architecto,

J. P. N. DA SILVA

SECÇÃO DE CONSTRUÇÕES

CONSIDERAÇÕES

Á CERCA DA

HYGIENE DAS CONSTRUÇÕES CIVIS E PUBLICAS

Technologia da edificação

(Continuado do n.º 4, pag. 50)

As costas maritimas apresentam ordinariamente terrenos saudaveis e proprios para a construcção de habitações; é necessario porém que não fiquem muito proximas da praia, para não estarem expostas a soffrer os inconvenientes resultantes da humidade, e, em muitos casos tambem, o cheiro desagradavel da *marezia*, especialmente de noite.

Aquellas edificações não devem attingir a grande altura, para que não sintam os effeitos das violentas correntes do ar humido.

Quando não fôr possivel escolher á vontade, e com todos os requisitos, um logar proprio a edificar, podem-se comtudo remediar os inconvenientes de diferentes maneiras, senão todos, pelo menos alguns d'elles.

O abrimto de valetas fundas e de facil escoamento preservará tanto das aguas da chuva como das grandes humidades.

Nas casas voltadas ao oeste, é conveniente deixar crear heras junto ás paredes, porque ellas as defenderão dos estragos da chuva em virtude do entrelaçado das suas folhas, ou mesmo absorvendo a humidade, por meio das suas raizes *engavinhadas* no emborramento.

As arvores, especialmente as de folhas verdes, são sempre convenientes (quando plantadas em distancia rasoavel); têm a propriedade de absorver a humidade, e o acido carbonico, e a sua sombra torna no verão as habitações mais frescas.

Quando plantadas ao sudoeste neutralisam o esforço das trovoadas, devendo porém ter sempre em vista que sejam arvores de copa, e nunca das que crescem ponteagudas como os cyprestes, pinheiros braves e outras que attrahem o raio.

As arvores plantadas ao norte têm a vantagem de abrigar as habitações, das nortadas, e diminuem os inconvenientes das planicies nas grandes alturas, do mesmo modo que preservam do sol as rampas voltadas para o sul.

Comtudo o fim principal das plantações, em geral, é o de purificar o ar, e de o *sanear* destruindo os miasmas que se elevam dos pantanos, tanques, turfeiras, estrumeiras, etc.

É por isso que todos os hygienistas recomendam a plantação dos arvoredos, mesmo no centro das cidades.

Os beneficios hygienicos dos arvoredos compactos não são menos importantes em relação aos habitantes ruraes; mais de um local deve ás arvores o seu *saneamento*, e o que é certo, e está plenamente provado, é que os pinhaes têm feito em muitos logares quasi desaparecer as febres epidemicas, paludias e mesmo intermitentes.

Será possivel conseguir edificações tão perfeitas, quanto seria necessario para conseguir perfeita salubridade? É uma pergunta a que nos parece ainda ninguem respondeu affirmativamente, pelo menos apresentando um exemplo: tantas e tão

variadas são as circumstancias exigidas, tantas são as difficuldades que se encontram para tal fim se conseguir praticamente.

Quanto porém em theoria, as condições exigidas para construir uma casa verdadeiramente saudavel reduzem-se a tres: 1.^a — temperatura da atmosphera; 2.^a — estado da humidade em relação a essa temperatura; 3.^a — composição do ar.

Em relação á 1.^a condição, *temperatura*, é preciso attender á actividade physica ou moral dos individuos; nos nossos climas varia pouco a temperatura que exige a actividade humana, reclamando porém a actividade physica uma temperatura um pouco mais baixa que a necessaria á actividade moral; é claro que se não póde alterar extraordinariamente essa temperatura sem prejudicar a aptidão physica e moral dos individuos, diminuindo de actividade no trabalho, e sem que os corpos experimentem sensações que affectam a saude.

A 2.^a condição, *estado hygrometrico do ar*, é uma circumstancia importante, por isso que a humidade promove, nas casas, decomposições, que têm por effeito viciar o ar respiravel, impregnando-o de acido carbonico, acido sulphydrico, e alkali volatil (ammoníaco).

A humidade occasiona tambem miasmas, gaz em que muito se falla, comquanto até ao presente ainda não esteja bem definido pela sciencia; é porém a elle que se attribue a causa das doenças epidemicas, e tanto mais a temperatura se eleva, tanto mais a humidade é prejudicial aos corpos.

É por essa razão que nas regiões em que as estações de calor coincidem com as de chuva, são sempre doentias.

Nas regiões temperadas onde as chuvas são relativamente raras no verão, não têm ellas por effeito mais que modificar na atmosphera o *ar respiravel*, fazendo assim que raras vezes se torne quente e humido ao mesmo tempo.

Se o ar durante o dia se sobrecarrega de vapores, de noite esses vapores volvem á terra, sob a forma de *orvalho*; depois, pela acção benefica de um sol ardente, secca-se o orvalho, e a humidade desaparece para engendrar novos vapores.

Aquelle benefico movimento continuo, nos climas temperados, faz quasi esquecer ali as prescrições hygienicas em relação á humidade junta ao calor: mas em compensação tem de se attender seriamente á *humidade fria*, que, minando a vida pouco a pouco, accumula as enfermidades, taes como escrophulas, rachitismo, *tísica*, rheumatismo, etc.

Em todo o aposento humido e frio existe sempre um cheiro desagradavel; as paredes são pegacentas, o sobrado escorregadio, a poeira pega-se aos moveis, desenvolve-se o bolor, os papeis, sejam ou não pintados, humedecem e apodrecem.

A insalubridade e o incommodo patenteiam-se por todas as formas, e denunciam-se especialmente no rosto dos habitantes das casas em que predomina aquella circumstancia atmospherica, especialmente nas creanças, que são quem mais soffre nas doenças resultantes da *humidade do ar*.

Os defeitos do ar secco são minimos em comparação d'aquelles, comquanto irrite os *bronchios* e inflamme os *olhos* e *garganta*.

A 3.^a condição, *composição do ar*, é circumstancia que se deve ter sempre em vista

O ar atmospherico contém 20,80 partes de oxy-

genio e 79,20 de azote. Em peso, por 100 partes de ar, contém 23,10 de oxygenio e 76,90 de azote, e mais 3 a 6 millesimos de acido carbonico, e 6 a 9 millesimos de vapor d'agua.

O gaz carbonico é, como se sabe, muito soluvel na agua, e assim se explica o augmento que se encontra nos tempos frios e secco, como se explica ser elle a causa das doenças provenientes do ar secco — é sempre menos abundante depois das chuvas: nas planicies é mais abundante de noite que de dia, variação que não se dá nas montanhas.

Sobre os grandes lagos existe no ar menos acido carbonico; abunda porém sempre mais nos sitios mais povoados e encontra-se mais nas cidades que nos campos.¹

«Os srs. Boussingault, Chevalier e outros chimicos, encontraram no ar, em Paris e em Londres, acido sulfuroso, produzido, segundo todas as apparencias, pela combustão de grande quantidade de carvão de pedra contendo pyrites (sulforetos de ferro); traços de sulphurato de ammoniaco e de hydrogenio; não encontrando analogas composições de ar em outras muitas cidades manufactureiras, em que as fabricas produzem constantemente vapores de acido sulfuroso azotoso, chlore, ammoniaco, acido sulphydrico, e até mercurio e phosphoro.

«Das experiencias feitas por aquelles distinctos chimicos deduz-se facilmente, que a visinhança de taes fabricas pode ser uma das causas de insalubridade das habitações proximas; ha porém outras ainda mais temiveis, taes são a proximidade das lagôas, dos pantanos, dos arrozaes, das fossas de curtimenta do linho, e da sola,² de aguas estagnadas por qualquer motivo de immundicies de qualquer genero em fermentação pelo sol; e finalmente de tudo que desenvolva gazes deleterios, por que são elles sempre causa das febres intermitentes e mesmo de terribes epidemias.

Os gazes denominados *miasmas*, desenvolvem-se tambem por outras causas, nos mezes da primavera, e em Agosto e Setembro, em virtude dos trabalhos de lavoura, remoção de estrumes, etc.

Já dissemos que os depositos de immundicies são perigosos, e é pelo mesmo motivo que tambem não é saudavel a proximidade das fabricas de papel, e os depositos de trapo muitas vezes immundos.³

Além do que indicámos ha outros objectos igual-

¹ Os estabelecimentos de fabricação de sola, são considerados como nocivos á saude, mas é necessario notar que o não devem ser pelo facto da curtimenta, porque essa é, a nosso ver, corrigida pela acção do tanino; ha porém ali uma fermentação putrida que em certas occasiões se revolve: os gazes que então se desenvolvem é que são nocivos á saude, pelo cheiro infecto que se espalha, que sendo nauseabundo promove soffrimentos de estomago, e a causa lenta de padecimentos escrophulosos, e eruptivos. N'aquellas fabricas dá-se uma circumstancia notavel, que é a cutis dos empregados no trabalho, tomar uma certa cor escura, como a que têm muitas pessoas biliosas, cor que alguem diz se encontra por vezes em pessoas que lidam com aquelle genero.

² Vide *Archivo Rural* n.º 5, do 16.º anno «Considerações geraes acerca da influencia, e utilidade da chimica na agricultura, por F. J. de Almeida.»

³ Os depositos de trapo velho (chiffons) são em toda a parte considerados como insalubres, e perigosos em 1.º grau; não obstante, em Portugal as auctoridades competentes, consentem taes depositos, e bem pouco vigiados, dentro da cidade e nos sitios mais povoados.

mente notados como perigosos, entrando n'esse numero todos os logares onde haja materias animaes ou vegetaes em fermentação.

Como principal causa de doenças endemicas, lembraremos os logares onde se junta a *vasa* com a agua doce e a do mar, que depois o sol vae seccando.

A proximidade de cemiterios, quando mal policiados, e ainda, peor quando em terrenos improprios, é de grande perigo, porque d'ali se exhala o hydrogenio phosphorado.

Felizmente n'este paiz, especialmente nas cidades, esse perigo tem perdido a sua importancia pelo estabelecimento dos cemiterios em logar afastado das habitações, situados em logar ventilado e guardadas as recommendações hygienicas.

Os terrenos proprios para os enterramentos são em primeiro logar os calcareos, depois os areientos, e cretacios, por isso que absorvem os liquidos e tornam a decomposição sêcca.

Ar *confinado*. São muitas as causas que podem alterar a pureza do ar respiravel, tornando-o insalubre e perigoso para a saude.

Notaremos porém aqui só as principaes, que são: *respiração, acção cutanea, illuminação, latrinas, esgotos e cosinhas*.

A respiração do homem e dos animaes altera constantemente a pureza do ar, por isso que absorve e consome uma certa quantidade de oxygenio, por causa de que o ar respirado não contém mais de 18 a 19 partes d'aquelle elemento, e contém 3 a 4 por cento de acido carbonico.

Por consequencia uma proporção tamanha de acido carbonico torna aquelle ar improprio á vida.

«Além d'isso o ar respirado contém tambem uma porção consideravel de vapor d'agua, que tem em dissolução uma substancia animal que conduz facilmente á putrefacção o ar produzido pela respiração, quando condensado e entregue a si mesmo.

«Um adulto tem pelo menos 15 respirações por minuto que contém meio litro de agua.»

«Avaliando em 0,05 a quantidade de acido carbonico expirado, acha-se, que em um dia um só peito vicia gravemente 10:800 litros de ar.

«O ar assim viciado, se fôr novamente aspirado, e voltar aos pulmões, perde uma nova quantidade de oxygenio que se transforma em acido carbonico; a repetição d'esse phenomeno faz que chegue um momento em que o ar se torna irrespiravel, a ponto de produzir a asphyxia e a morte, se não houver renovação de ar.¹

«Taes factos, chimicamente comprovados, demonstram o grande perigo que póde resultar da reunião de muitos individuos em logares em que se não attende á renovação do ar.

As indicações scientificas acima indicadas são feitas considerando a respiração proveniente de corpos em estado normal de saude; é porém necessario attende que esse estado não é o provavel, e por isso exige ter em conta as alterações produzidas pelos vapores nauseabundos e infectos das *pessoas doentes* e de *mau halito*, pelos *velhos*, *fumistas* e *bebedores*; etc., e depois juntar ainda os gazes exhalados pela transpiração em toda a superficie do corpo, e esse gaz é

¹ É por esta razão que são perigosas as accumulações de gente em casas mal ventiladas, ou a persistencia em habitações em más condições de arejamento, tanto em relação ás pessoas como aos animaes.

tanto mais mephytico e abundante quanto maior e mais penoso fôr o trabalho muscular d'esse corpo e menos minuciosos os cuidados do acao.

Um ar assim alterado, bem longe de purificar o sangue e dar-lhe o oxygenio que elle necessita para bem funcionarem os órgãos respiratorios, é ao contrario causa de grandes males.

Não é só nocivo a uma pessoa em especial o ar assim, elle é tambem a causa reconhecida de grandes males da sociedade.

A doença denominada *putrefacção dos hospitaes* d'ahi provém, como provém o *typho dos quarteis* e dos *asyllos*, as *ophthalmias*, e as *febres typhoides*, e talvez mesmo muitas doenças de que por enquanto se julga ignorar a causa, nos campos, e nos grandes centros manufacturistas.¹

Acção da pelle. O corpo humano, seja pela respiração ou pela transpiração, exhala uma quantidade de agua que se avalia em 38 grammas pouco mais ou menos por hora. Essas 38 grammas de agua para serem absorvidas sob forma de vapor, exigem 6 metros cubicos de ar a 15° centig., ou 50 metros cubicos por uma noite.

Perguntaremos agora: attende-se convenientemente nas edificações a essas circumstancias?

Parece-nos que não; os quartos que se destinam para dormir são em geral pequenos, salvo poucas excepções, mal ventilados e em pessimas condições, especialmente nas casas occupadas pelos operarios e classes baixas da sociedade.

Ora, não tendo as casas espaço para conter tal quantidade de ar, resulta d'ahi que a agua se deposita condensando-se nos vidros, nas paredes, nos moveis, nas roupas, e no vestuario; d'ahi a origem do bolor, do cheiro a bafio, e mesmo do cheiro de putrefacção.² «Em relação aos corpos, é aquella uma das causas dos resfriamentos subitos, bronchites, corisas, dores rheumaticas, etc., por isso que é aquella uma das causas permanentes da insalubridade.

Illuminação. — «A luz artificial é o resultado de uma combustão de oxygenio e carbonio, em que têm logar phenomenos identicos aos da respiração, e d'elles resulta tambem producção de agua e acido carbonico.

«Segundo as observações do Sr. Peelet, a chamma de uma vella ordinaria vicia 500 litros de ar por hora, pouco mais ou menos, que é tanto quanto o faria a respiração de um corpo.

«Um candieiro que produza fumo, é por isso causa de maior alteração. Os candieiros munidos de chaminé ou globo consomem duas ou tres vezes mais quantidade de oxygenio, segundo o volume do fogo, e produzem o dobro ou o triplo de acido carbonico.

¹ Tratando-se da viciação do ar, não devemos esquecer a influencia prejudicial que n'isso exerce a exhalção dos canos de esgoto, no interior das habitações; aquelles canos e pias são um foco continuo de doenças, especialmente para as senhores e creanças.

A aspiração nocturna de tão mephyticos gazes é sem duvida causa de terribes soffrimentos.

² Fomos testemunhas ainda ha pouco de um facto que justifica tal asserção. Havia um quarto em uma casa, que conservava um cheiro constante de podridão; fez-se tudo que se julgou o evitaria, e a tudo resistiu. Finalmente aconselhei que se promovesse no quarto uma corrente de ar, e o mau cheiro desapareceu completamente.

«Segundo o sr. Dumas, um bico de gaz absorve 234 litros de oxygenio por hora, e produz 128 litros de acido carbonico, o que corresponde á alteração que produziriam 6 vellas accesas ou a respiração de 6 pessoas.

«Temos tambem a ter em conta a producção do vapor de agua, avaliada em mais de 1 kilogramma por 7 horas. A producção do vapor aquoso, produzido pelas luzes, é em proporção do poder de combustão de cada uma.

A luz artificial, como acabamos de dizer, tem uma influencia notavel na salubridade das habitações.

Os lampiões e torcidas têm uma acção tão maligna nos espaços limitados e pouco ventilados que seria para desejar que o seu uso não fosse empregado absolutamente; como porém não julgamos isso

possivel por em quanto, lembraremos que se deve evitar quanto possivel.

As vellas de cebo dão uma luz vacillante que prejudica a vista de quem trabalha, e sua combustão produz além de acido carbonico, hydrogenio carbonado e uns certos vapores oleosos empyreumaticos, o que tudo promove irritações no peito e affecção dos pulmões, ardor nos olhos com lagrimação e comichão epicadas na garganta. A combustão das vellas, sendo mais completa, produz por isso menos vapor.

A illuminação a azeite em carceis de dupla corrente, munidos de chaminé de vidro, é sem contradicção o meio mais saudavel de illuminação.

(Continúa.)

F. J. D'ALMEIDA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

Palafitas de Italia

Adquiriu a nossa real Associação quarenta e cinco objectos descobertos em cinco *Terramares* de Italia (*Palafitas*), que o distincto archeologo director do museu de Modena, o cavalheiro Carlos Boni, offereceu para enriquecer as collecções do nosso museu do Carmo, pelo que nos confessamos sumamente agra-decidos.

Esta valiosa dadiva tem para Portugal muito maior interesse, pois que não possuindo o paiz nenhum vestigio de habitações lacustres, nem havendo ainda objectos d'estas estações prehistoricas entre nós, é sem duvida mais importante para a nossa associação esta collecção, afim de completarmos os exemplares que já possuímos dos primitivos tempos dos habitantes do mundo, e dos seus diversos periodos, tanto da idade da pedra lascada e polida, instrumentos e ossos achados nas cavernas dos Pyrinéos, e nas excavações praticadas em diversos pontos da Europa; como da idade do bronze, e da epocha etrusca e romana: faltava-nos porém, ter tambem objectos achados nos lagos que foram habitados pelas tribus que construíram as Palafitas dentro d'elles, afim de evitarem os ataques das feras e mesmo poderem-se defender dos seus inimigos, estando rodeados pela agua, o que dificultaria serem assaltados de improviso n'essas suas habitações.

As primeiras construcções d'este genero que se descobriram foram nos lagos da Suissa, nos quaes se acharam as estacarias feitas com troncos toscos das arvores, tendo outros que os atravessavam por cima dos topos, e sobre este imperfeito engradamento

estabeleciam as casas cercadas e cobertas por ramos e argilla, para se resguardarem dos rigores das estações.¹

Suissa

Nas habitações lacustres do lago de Bienne foi onde se colheram maiores indicios da maneira d'essas construcções, porque no anno de 1872, havendo diminuido muito as aguas dos lagos, pozeram a descoberto grande numero das estacarias; sendo estas as mais recentes, emquanto as mais antigas estavam situadas mais afastadas das bordas do lago, e por isso cobertas ainda pela agua, ou talvez pertencessem ás mesmas tribus, e para maior segurança tivessem escolhido uma maior distancia entre a terra.

Na estação tão importante de Moerigen não só se acharam bellissimas folhas de espadas, devendo ter tido punhos de pau ou de osso; mas além de outros objectos, se tiraram perto de duzentos braceletes formados de ferro e cobre com embutidos de bronze; o que faz vêr o apreço que estes habitantes lacustres davam a este metal.

No lago de Neuchatel, a mais importante estação está em frente de *Auvernier*; é a mais abundante de todas que foram exploradas na Suissa. Foi n'esta estação onde se acharam maior quantidade de pregos para cabelo, alguns até com quarenta centímetros de comprimento! Pelos differentes objectos encontrados n'estas Palafitas, se conhece que pertenceram a diversas epochas, tanto da pedra polida, como da idade do bronze, assim como no principio da idade do ferro; de tal maneira estava arraigado o costume de terem as suas habitações* estabelecidas sobre estacarias.

¹ No Museu do Carmo estão expostas vistas coloridas indicando este modo de construcções: os painéis tem o n.º 141 e 141 bis, e serviram nas prelecções prehistoricas dadas por nós.

Na França e na Italia descobriram-se depois outras Palafitas construídas do mesmo modo; porém, quanto ás de Italia, os lagos foram encontrados já entulhados, porque as tribus que d'elles faziam uso tinham por costume lançarem na agua d'esses lagos todos os restos de comidas e outras imundícies, que pelo longo tempo de ali viverem chegaram ao ponto de encherem o lago, obrigando-os depois a irem procurar outro sitio em que houvesse agua para construir nova habitação; chegando mesmo a formar lagos artificiaes para esse mesmo fim.

Esses antigos depositos a que os italianos chamam *Terramares*, e de que a agricultura aproveitou com grande vantagem esse fertil adubo, é que fizeram descobrir que tinham sido Palafitas, encontrando-se as estacarias intactas e na posição que indicavam eguaes construcções áquellas que na Suissa haviam feito conhecer a sua origem. Foi pois n'essa terra *gordurenta* que appareceram os diversos objectos de bronze, punhaes, pregos para cabello, fivellas, etc., e ossos dos animaes que serviam para sustento; carços de fructas que, produzidas pela mão da natureza, os habitantes colhiam das arvores; fragmentos de vasilhas de barro de diferentes côres, mais ou menos aperfeçoadas; que nos dão a conhecer, não só a epoca da existencia de seus habitantes que fôra a idade do bronze, mas tambem o grau de sua civilização.

Na *Terramare* de *Montale*, pela occasião em que os membros do Congresso de anthropologia e archeologia prehistorica se reuniram em Bolonha, foram examinar esse deposito e fazer excavações pelas suas proprias mãos, o socio, d'esta real Associação, Possidonio da Silva teve a fortuna de descobrir um osso fossil de um gamo colossal, achado este que surpreendeu os archeologos ali presentes, por considerarem que o clima n'aquella época das habitações lacustres não era favoravel para a existencia d'estes animaes. Pôde ver-se no Museu do Carmo na capella do lado do poente no mostrador C, com o n.º 133, este raro fragmento prehistorico.¹

Na Austria tem sido difficil o descobrirem-se estas habitações lacustres, porque no solo actual não apparecem visiveis indícios de sua situação; todavia das estações já descobertas em *Attersee* se acharam escondidas as estacarias debaixo de uma camada de cascalho, estando por cima coberta de substancias organicas das quaes se extrahiram diferentes objectos. Estas estações prehistoricas são de diversa extensão, sendo as maiores de 3:000 metros quadrados; porém o caracter geral dos objectos é aquelle do periodo da pedra, similhando as fórmulas de outros depositos; além de que appareceram igualmente

objectos de bronze, e mesmo com algum lavor; e dentes furados de diversos animaes indicavam os adornos que as mulheres usavam, ou lhes serviam de amuletos.

Pela qualidade da madeira para a estacaria que era de pinheiro e alguma de carvalho, pelo modo como estavam preparadas, e pela pouca perfeição da louça de barro, posto que estivessem indicados alguns ornamentos feitos com unha, pode-se suppôr pertencerem as referidas estações ao principio da idade do ferro.

Austria

Observando o conjuncto das construcções lacustres de *Mondsee*, que eram firmadas sobre muitos milhares de estacarias, e fôra habitada por uma povoação que seguia esse costume por um habito praticado sobre uma grande parte da terra, vê-se que essa povoação usava da pedra e de ossos para seus instrumentos e utensilios. O grande numero de martellos e de brunidores indica-nos que os habitantes fabricaram os objectos de que se serviram. A forma da louça de barro é geralmente do mesmo typo, pesada e de feitiço rustico. Emquanto ao vestuario seria de lã e de pelles, e as cordas eram feitas com a casca das arvores.

Consistia seu sustento em carne de vacca, de cabra, de porco, de cães, e principalmente de veados; e tambem se nutriam de muito peixe, sobretudo de trutas, como foi confirmado pelos restos que se acharam. Comiam morangos, amoras, e ameixas silvestres.

O uso de alabastro e de facas *curvas* em silex mostram-nos as relações que havia entre a povoação de *Mondsee* com a Italia de uma parte, e com a Escandinavia de outra região.

Por conclusão pode-se suppôr que as construcções lacustres da Alta Austria teriam deixado de existir, na epoca mais florescente de *Habstads*, onde se fabricaram os bellos instrumentos de ferro e os ornamentos de bronze.

Nos valles dos Pynéos em França, posteriormente aos grandes phenomenos geologicos do periodo quaternario, teria havido grandes lagos; visto que no valle de Celles sobre um *loss* de 4 metros de espessura, algumas vezes turfoso, e na extensão de muitos hectares, se descobriu uma plataforma composta de traves ligadas umas ás outras, tendo sido preparadas com um instrumento pouco cortante, assimilhando-se ás construcções prehistoricas da Suissa. Os machados de bronze e de rocha serpentinosa foram igualmente ali encontrados.

França

Na recente descoberta feita no lago de *Clairvaux*, situado sobre o primeiro platô do Jura (França), ha-

¹ Veja-se a obra intitulada *Souvenirs du Congrès international de Anthropologie et d'Archéologie Prehistorique en Bologne*, par le chevalier J. P. N. da Silva, Lisbonne 1872, pag 26.

via-se notado alguns grupos de estacarias de uma maneira irregular, situadas a dois ou tres metros de profundidade; tendo-se feito exploração, acharam-se estacarias com a grossura de 10 a 15 centímetros de diametro, de madeira de carvalho, pinho, teixo, e faia preta; algumas ainda com casca; — perto de 150 estacarias; e grande quantidade de ossos, sendo os de boi, veado e de porcos os mais abundantes; emquanto a ossos de passaros eram rarissimos, assim como nenhuns vestigios de peixes foram achados.

O numero de armas de veado era copioso e na maior parte preparadas para servirem de cabos para os machados. As pontas de frechas em silex tinham bonito feitio; algumas maiores do que aquellas que appareceram nas Palafitas da Suissa: os machados em granito rijo (feldspath), e serpentina, alguns ainda com o cabo: os furadores em osso eram numerosos, e alguns tinham servido de punaes. Objectos feitos de madeira eram bastante curiosos, como gamellas, cunhas, um eixo de carreta, porém tirados para fora d'agua não se poderam conservar.

Os unicos adornos que se acharam foram fragmentos de cascas de ameijoas d'agua doce furadas com dois buracos: portanto as palafitas néolithicas do Jura não são inferiores áquellas do lago de Neuchâtel.

Outras palafitas mais modernas, pois são da época Carlovingiana, em França, foram descobertas no lago de Paladru; estando construidas similhantemente áquellas dos lagos da Suissa e de Sabora. Tiraram-se entre as estacarias grande numero de objectos; taes como machados, pontas de lança, chaves, verrumas, etc.; mas tudo de ferro, tendo-se pois continuado o uso de habitem sobre os lagos, não só na idade da pedra e do bronze, como tambem n'aquella do ferro.

Estas resumidas explicações nos demonstram o quanto é importante para o estudo da archeologia, haver no Museu do Carmo objectos d'essas épocas, pertencentes ás habitações lacustres; o que sem duvida será devidamente apreciado pelos socios da nossa real Associação, assim como pelos amadores das antiguidades prehistoricas.

O architecto,

J. P. N. DA SILVA.

MEMORIA HISTORICA

DO

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

DE

Monjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre

(Continuado do n.º 4, pag. 56)

IV

Não podemos determinar o anno, em que ao mosteiro se lançou a primeira pedra; não existe me-

moria da celebração d'este acto, que, pela dignidade do fundador, e destino do edificio, devêra ser publico e solemnisimo. ¹

O que sabemos, com certeza, é que em 1530 já se achava construido o templo, capitulo, dormitorio, refeitório, e as necessarias officinas ²; e, tambem, não padece duvida, que a 19 de Agosto de 1531 assignára o bispo fundador os estatutos, pelos quaes se haviam de reger as novas monjas. ³

E, comquanto apresente, ainda hoje, certo cunho de grandeza o conjunto da edificação primitiva, não tem que ver, todavia, com a sumptuosidade do que, posteriormente, se lhe unira: o claustro, dormitorio e refeitório novos são mais vastos do que os antigos.

Pela carencia absoluta de documentos não é, tambem, possivel determinar as epochas d'estes accrescentamentos successivos, nem sequer rastejar-as pelo estylo, porque nada apresentam de caracteristico; cremos, porém, que o refeitório não passa do principio do seculo XVII, sendo o claustro e dormitorio mais antigos. ⁴

Do seculo XVIII são incontestavelmente os azulejos ⁵, e os retabulos do templo, conservando-se apenas do primitivo, além da abobada e paredes, o

¹ Jorge Cardoso assevera no *Agiologio Lusitano*, tom. 1, pag. 430, que em 1518 se erigira o mosteiro. Já porém notámos, que, segundo a melhor opinião, n'esse anno ainda D. Jorge de Mello não era confirmado bispo da Guarda, havendo-se verificado a nomeação, segundo Fr. Manuel dos Santos, *Alcobaça Illustrada*, pag. 324, em janeiro de 1519; sendo aliás conformes todos os escriptores, que conhecemos, em attribuir-lhe o projecto da fundação do mosteiro, depois que tomou posse da mitra d'aquella diocese.

² Num breve expedito pelo tribunal da penitenciaria em nome de Lourenço, bispo Prenestino, datado de Roma aos 22 de setembro, anno setimo do pontificado de Clemente VII (1530), pelo qual entre outras prerogativas, se concede ao bispo D. Jorge de Mello incorporar o mosteiro na Ordem cisterciense, se lê o seguinte: *Ex parte vestra fuit propositum coram nobis... vos pia devotione ductum quoddam monasterium in quo deo sacrate virgines gratum sibi valeant reddere famulatum sub invocatione beate Marie virginis cum ecclesia rectorio dormitorio capitulo et aliis officinis opportunis extra et prope oppidi de portalegre egitanensis diocesis sumptuosos edificiis construi et edificari fecistis, etc.*

³ *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça, da Congregação Cisterciense de Portugal, para servir de continuação à Alcobaça Illustrada do Chronista Mór Fr. Manuel dos Santos, por Fr. Fortunato de S. Boaventura, Monge de Alcobaça e Chronista Geral da Ordem de S. Bernardo*, tit. IV, cap. IV, pag. 152.

⁴ Diz Diogo Pereira Souttomaior no seu *Tratado da cidade de Portalegre*, que a senhora D. Francisca da Silva, primeira abbadessa trienal, fôra quem mandára edificar o dormitorio novo. Succedeu esta abbadessa á segunda abbadessa perpetua, a sr.ª D. Joanna de Mello, que falleceu a 19 de Julho de 1587; corre, por conseguinte, aquella edificação entre 1587 e 1590.

⁵ Tem a data de MDCCXXXIX os azulejos que arnam as paredes do alpendre da portaria até á porta da igreja, e os do corpo da mesma igreja. Custaram 683\$315 réis, e, segundo nos affirmou D. Ramon Depret, que se dizia socio da Academia Real de Historia e Antiguidades, de Madrid, que os viu em 6 de Janeiro de 1867, foram construidos na formosa fabrica de *Talavera de la Reina*. Sobre azulejos veja-se a obra *Les Arts en Portugal, par Le Comte A. Raczyński*, pag. 429. — A portaria tem um formoso portado de marmore, coroado das armas do bispo fundador, e na padieira a data de 1547. As portas são de cedro, e a pregaria igual á das portas da igreja.

magnifico portico da entrada, com suas portas de cedro e formosa pregaria, e o sumptuosissimo tumulo do bispo fundador, que n'outro logar descreveremos.

V

Dez mil cruzados havia já despendido D. Jorge de Mello na fabrica do mosteiro, quando accordou em consignar rendas para sustentação de quem n'elle houvesse de morar.

Apresentando seu filho D. Bernardo de Mello prior das egrejas de S. Pedro de Penamacor, e S. Pedro de Teixeira, ambas do bispado da Guarda, annexou ao mosteiro, com approvação pontificia¹, as duas terças partes dos fructos e rendimentos das duas parochias, os quaes recebeu até á extincção dos dizimos.

E foram estas as unicas rendas sabidas que logrou o mosteiro por muitos annos, porque sómente ao cabo de quatorze, é que se resolveu a augmental-as o fundador, custeando por ventura do proprio bolso as despesas da communidade, que reunira.

Era D. Jorge de Mello um dos senhores mais ricos e opulentos do reino; administrára por tempo dilatado a pingüissima abbadia de Alcobaça², e os proventos, que percebia da mitra da Guarda, montavam a sommas tão avultadas, que bastaram para manter tres bispados.³ É certo, porém, que ostentando singular bizzarria em ornar paredes mortas, procedeu menos generosamente em vestir paredes vivas, para nos servirmos da phrase, que a proposito semelhante usou o nosso Fr. Luiz de Sousa.⁴

Parece-nos, em verdade, mesquinha a doação, que dos proprios bens fez ao mosteiro⁵, e não era muito mais vantajada a que projectava, mas não chegou a realisar.⁶

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

¹ Consta a approvação do Breve Apostolico do papa Clemente VII, dado em Roma aos 27 de maio de 1534.

² Depois do Priorado do Crato, que rendia trinta e quatro mil cruzados, era o mais opulento beneficio a Abbadia de Alcobaça, segunda testifica Diogo Pereira Souttomaior na obra já citada.

³ Depois da morte do bispo D. Jorge de Mello creou-se o bispado de Portalegre, desmembrando-se o territorio, que o constituiu; do bispado da Guarda, que ainda subministrou territorio, muitos annos depois, para a criação do bispado de Castello Branco.

⁴ *Vida do Arcebispo*, liv. I, cap. XXIII.

⁵ Consistia esta doação em uns quinhões de uma herdade, que se chama A DA FARINHA, que está nos termos de Monforte e de Assumar, que rendem dois moios e meio de trigo, e dez alqueires de cevada cada anno, com a obrigação de duas missas resadas quotidianas por alma do doador.

É datada esta doação de 9 de fevereiro de 1548, e a licença, que obtivera de el-rei D. João III, para comprar bens para constituir esta capella, foi passada em Almeirim a 29 de abril de 1547.

⁶ Consta de um diploma, a que havemos de referir-nos, ao diante, que D. Jorge de Mello, no tempo em que instituiu a capella, de que se faz menção na antecedente nota, não possuia mais bens de raiz para doar; que posteriormente é que gastára um conto e nove centos e um mil réis na compra de propriedades, isto é, herdades, souttos, nogueirae, azenhas, vinhas, etc.; porém a morte surpreendeu-o primeiro que chegasse a realisar a doação d'estes bens.

O SR. CONDE ARTHUR DE MARSY

Um bom serviço por elle prestado
à Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes

O sr. conde Arthur De Marsy remetteu, ha annos, ao presidente da Associação, o sr. Possidonio da Silva, um excellente subsidio bibliographico, relativo a Portugal, de summo interesse como elemento de estudo, e revelador, da parte do estimavel offerente, de uma decidida boa vontade de ser prestavel, ainda á custa de improbo trabalho, que a outra qualquer pessoa seria mui penoso.

Começaremos hoje a dar uma succinta noticia do valioso presente.

Na Bibliotheca Nacional de Paris effeituou-se em 1868 uma reorganisação da secção (*département*) dos *manuscriptos*; e chegou então a vez de se formar o catalogo do peculio portuguez n'essa especialidade. (Veja-se o prefacio do 1.º volume do catalogo de Taschereau. Particularmente se incumbiu do trabalho relativo a Portugal o sr. Richeland.)

O sr. Demarsy teve a paciencia de transcrever os numeros, titulos e indicação especificada do objecto de cada manuscripto, e seu auctor. E não se contentando com este obsequioso procedimento, declarou que estava prompto para dar noticias circumstanciadas dos manuscriptos mencionados nos catalogos que remetitia, ou extractos dos mesmos.

Informou que na *Bibliotheca do Instituto* ha documentos manuscriptos, memorias e cartas a respeito de Portugal, que pertenciam á *Collecção Godefroy*.

Esta collecção é uma serie de 546 carteiras ou volumes, relativos á politica, á historia, ao commercio e á jurisprudencia da França e dos paizes estrangeiros. Encontram-se ali numerosos documentos originaes; sendo que muitos d'elles remontam ao seculo XII.

É curiosa a historia d'esta collecção, e merece ser apontada como um meio de avaliar o de que é capaz a perseverança dos individuos, e mais ainda a das familias, no empenho e lida de conseguir — no correr dos annos — resultados transcendentos.

Deu começo a esta collecção Theodoro Godefroy, historiographo que foi de França, e auctor de muitas obras. Falleceu este em 1649; mas seu filho Denis continuou a colligir noticias até ao anno de 1681, em que falleceu. Os filhos d'este ultimo proseguiram as diligencias de seu pae e de seu avô, até aos annos de 1719 e 1732, datas dos fallecimentos dos netos. Passou depois a collecção para o poder de Monan, que a legou á cidade de Paris; e pela revolução de 1789 foi transferida da bibliotheca da cidade para a do Instituto.

N'essa collecção se encontram diversos documentos relativos a Portugal, dos quaes enviou o sr. De Marsy uma indicação, derivada do inventario que fez o sr. Ludovic Lalanne.

Mas são principalmente muito abundantes as indicações do sr. De Marsy para uma bibliographia franceza de Portugal em *obras impressas*, cumprindo todavia observar que no catalogo se comprehendem muitas obras em outras linguas, que não só na franceza.

Os assumptos sobre que versam as obras indicadas são: historia, diplomacia, geographia e viagens, artes e archeologia, litteratura, direito criminal, etc.

Acerca da proveniencia das obras são por vezes mencionadas algumas circumstancias curiosas. Assim, por exemplo, vem no catalogo uma obra que pertencêra á *bibliotheca Cicogne*, e foi comprada pelo duque d'Aumale na vespera da venda por miúdo da mesma bibliotheca. Eis o titulo da obra:

Relation des troubles arrivés dans la Cour de Portugal en l'année 1667 et en l'année 1668, où l'on voit la renonciation d'Alfonse VI à la couronne, la dissolution de son mariage avec la princesse Marie Françoise Isabelle de Savoye; le mariage de la même princesse avec le prince D. Pedro, régent de ce royaume. (Par Blouen-la Piquetière). Amsterdam—suivant la copie—1674, in-12. (Exemplaire relié en maroq. rouge).

Da bibliotheca *Walkenaer* são apontadas, em grande numero, differentes obras sobre geographia, estatistica, colonias, commercio, etc., relativas a Portugal.

Sobre antiguidades, numismatica, viagens, etc., apontam-se algumas obras mencionadas no catalogo—*of books on arts*.

São importantes as indicações especiaes sobre viagens e descobrimentos; bem como as que dizem respeito á litteratura portugueza. Com referencia propriamente aos *Lusiadas*, aponta alguns artigos de Raynouard, publicados no *Journal des Savants*, etc.

Da bibliotheca de Adolphe de Puibusque, auctor da *Historia comparada das litteraturas franceza e hespanhola* (coroadá em 1843 pela Academia Francaza); d'essa bibliotheca, dizemos, são indicadas muitas obras de litteratura portugueza, de viagens, de historia, etc.

Em outro artigo (porque já vae extenso o presente) desceremos a particularisar diversas noticias bibliographicas, artisticas, historicas, e archeologicas que encontrámos nos subsidios ministrados pelo sr. De Marsy.

Lisboa, 19 de fevereiro de 1878.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Na assembléa geral da nossa Associação em 27 de dezembro, foi approvado o parecer do Conselho Facultativo ácerca da proposta apresentada pelo socio o sr. J. Possidonio N. da Silva, na antecedente reunião, para que fosse conferida uma medalha de prata ao socio architecto o sr. Lucas José de Santos Pereira, pela direcção intelligente e esmerada, na restauração do celebre monumento da egreja da Batalha, e por haver tambem fundado n'aquellas obras uma aula, em que lecciona o desenho de ornato para instruir os aprendizes de canteiro n'esse exercicio; foi approvado por unanimidade.

Igualmente foi approvada por aclamação a outra proposta apresentada pelo mesmo socio, e com parecer favoravel do nosso Conselho, para que fosse conferida uma medalha de prata ao sr. dr. F. Pereira da Costa, pelas suas descobertas prehistoricas feitas em 1865 no cabeço d'Arruda, e pelas suas scientificas publicações.

O Ministerio da Guerra offereceu duas cartas geohydrographicas da Ilha do Porto Santo, para o archivo da nossa real Associação.

A assembléa geral approvou a proposta do sr. presidente, á qual o Conselho apresentou parecer favoravel, para que as entradas no Museu do Carmo, a principiar no presente anno, fossem de 50 réis por cada pessoa nos dias santificados, e 100 réis nos outros dias da semana, pagando os estrangeiros que em qualquer dia visitassem o Museu. Essa resolução foi tomada com o intuito de se levantar depois um emprestimo, afim de se cobrir parte das naves para haver espaço onde fiquem devidamente expostos os objectos archeologicos.

A assembléa geral da Associação resolveu annuir ao convite feito pelos presidentes e secretarios da exposição das sciencias anthropologicas, os srs. de Quatrefages, de Mortillet, Cartailhac e Chantre, remettendo para a exposição universal de Paris cento e quatorze objectos das nossas collecções do Museu do Carmo, afim de ser representado Portugal n'esse certame archeologico.

O socio o sr. dr. Teixeira de Aragão, offereceu a obra do sr. visconde Sanches Beane, sobre heraldica, em dois volumes em 4.º, para a bibliotheca da nossa Associação.

O socio correspondente da nossa Associação em França, o cavalheiro Carlos Lucas, secretario da Sociedade Central dos Architectos de Paris, remetteu os Boletins dos ultimos mezes do anno findo; ali vem publicado o programma dos quesitos que serão discutidos no congresso dos Architectos Civis, na occasião da exposição universal, que transcreveremos para conhecimento dos architectos portugueses.

O secretario do Instituto Real dos Architectos Britannicos, em nome do presidente e dos socios d'aquella respeitavel corporação, felicitaram-nos pelo anno novo, desejando-nos que novos successos venham coroar os nossos esforços, tanto na architectura como em archeologia, como já temos alcançado, conforme se exprime o dito secretario; e pediram-nos que, na conformidade dos outros annos informasse-

mos aquelle Instituto, sobre qual tem sido o desenvolvimento dos estudos de architectura feitos no paiz, e as novas investigações archeologicas que se tenham praticado em Portugal.

Foram offerecidos á nossa Associação, pelo socio correspondente o sr. Carlos Boni, director do Museu de Modena, quarenta e cinco objectos pertencentes a cinco differentes *Terramares* de Italia.

Foram approvados para socios effectivos os srs. conselheiro Eduardo Lessa, Rev.^{mo} Bispo Joaquim Campos Pinto; dr. Manuel Arriaga Nunes; Visconde Sanches de Beane. E para socios correspondentes, o architecto inglez mr. Carcockrelle, o architecto da Russia mr. Jérôme Kitter; e o archeologo Francisco Maria Tubino.

Até á presente data temos recebido todos os jornaes estrangeiros de sciencias e artes que á nossa Associação costumam ser enviados, assim como desde o principio d'este anno, a folha portugueza — *Jornal do Commercio*.

NOTICIARIO

Já teem sido removidos quasi todos os entulhos que obstruías flaves da memoravel egreja do Convento do Carmo, fazendo apparecer agora as esbeltas proporções de suas columnas, e toda a grandiosa elevação de suas arcadas ogivae, tendo-se conseguido este louvavel e patriotico melhoramento pela iniciativa e efficaz perseverança dos illustrados vereadores os srs. José Tedeschi e visconde de Alemquer.

Mr. Homolle achou nas excavações feitas em Délos importantes fragmentos de esculptura, esteles e de ex-voto com inscrições em bom estado de conservação.

Os vestigios que Mr. Schliemann encontrou nas excavações praticadas na porta dos Leões, em Mycena, são muito interessantes: achou quinze regos paralelos destinados a firmar os pés das cavalgaduras; na parte interna havia cinco tumulos, e tres renques de estéles; em um d'estes estéles estava indicada em baixo-relevo a representação do legendario carro homerico. Ao lado mais em baixo, encontrou um altar de character cyclopeanno, e ainda por baixo d'elle, outros cinco grandes sepulchros abertos na rocha; no fundo dos tumulos tinha sido accumulada lenha para formar tantas fogueiras quantos os cadaveres que havia para serem sepultados. Collocavam-se então sobre as materias combustiveis os corpos cobertos de ornamentos de ouro e vestimentas magnificas, e lançava-se tambem dentro do tumulo grande quantidade de jarras e ornamentos de ouro. Em uma só camara se encontraram 43 SEICHES de ouro de grandeza natural; 70 chapas de ouro representando borboletas e SEICHES, 40 dia-

demas; 25 taças de ouro, algumas com o peso de 2 kilos, e um grande numero de collares e aneis do mesmo metal.

Em um *Lécytho* achado em um túmulo grego por Mr. Ravaissou, notou serem as urnas com pinturas encarnadas sobre fundo branco. Confme o antigo ritual grego são estas *côres divinas*, destinadas unicamente aos heros, e aos finados, entrados na gloria e paz que se gosa no Elyseu. Servirem-se os gregos, nos funeraes, só de encarnado e branco, e outro indicio que exprime a esperança na vida futura, apresentando á imaginação as côres as mais agradaveis e alegres. É por esse motivo destinado a perfumes nas ceremonias funereas, que na pintura d'este vaso tinham preferencia estas duas côres.

Na Belgica, em *Embresin* descobram-se em uma villa romana construcções de paredes fabricadas com grossas pedras de silex, reunidas sem arte e symetria, com vestigios de pintura feita em linhas azues, verdes, encarnadas e roxas, moldurando o fundo de côr amarella; objectos de bronze, ferro, aneis, alfinetes, feixes, agulhas, etc.; poucos vestigios de vidro, fragmentos de mós, cacos de louça de barro, julgando-se ter sido incendiada esta habitação no fim do seculo II, nas correrias praticadas pelos germanicos.

Fabricam-se agora casas de papelão em New-York, preparando-se 16 toneladas de papelão comprimido em cada dia. Esta composição tem aspecto solido; as folhas têm o peso de 50 kilogrammas, 33 centimetros de grossura. Como o papelão é mau conductor do calorico, uma casa construida d'este modo será quente no inverno e fresca no verão.